

# A PULSÃO EM FREUD E O BARROCO EPISTEMOLÓGICO

André Fernando Gil Alcon Cabral<sup>1</sup>

## RESUMO

A pulsão foi certamente o conceito que mais trouxe questões para Freud e a psicanálise. Os motivos são inúmeros, mas o principal é que, conforme a interpretação dada, acaba-se por determinar uma localização do discurso freudiano em um campo de saber predeterminado. Assim, rompe-se com a ambiguidade inerente ao próprio conceito, traindo a concepção freudiana que o caracteriza pelo seu caráter fronteiro. Deste modo, recolocaremos em jogo a abordagem da pulsão pela literatura e pela ciência para em seguida demonstrar a necessidade de interpretar o conceito de pulsão segundo o barroquismo da psicanálise. Eis a necessidade de apresentarmos Freud como um Nome Próprio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ontologia. Epistemologia. Literatura. Ciência. Pulsão

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia com ênfase em Estudos Psicanalíticos pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia pela UFMG. Mestrado em Psicologia. Especialização em Teoria Psicanalítica e Especialização em Temas Filosóficos pela UFMG. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva. E-mail [cabral.afga@gmail.com](mailto:cabral.afga@gmail.com). Tel (34) 9 8872-0297/ (31) 3374-3621. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1567-621X>.

## INTRODUÇÃO

A *Trieb* mostrou-se como conceito fundamental para a psicanálise na medida em que Sigmund Freud (1915a/2004, p.146-148) a especificou enquanto “força constante”, isto é, aquilo que frente aos mais variados objetos do desejo se mantém como pressão inabalável para o sujeito. Assim, a *Trieb* marca a inscrição da impossibilidade de pensarmos na saturação ou completa suspensão da pressão pulsional. Pressão que definiremos como “fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa”.

Para melhor discernir o conceito, verifica-se a comum tentativa de diferenciar a *Trieb* freudiana do instinto biológico impondo a fixidez dos objetos sobre essa última. Comumente, parte-se da palavra “instinto”, como se no mundo animal existisse uma força extingüível e suprimível, diferentemente do universo humano. Porém, Hanns menciona que nem mesmo para a biologia o instinto deve ser tomado como se seus objetos fossem rígidos e imutáveis. “Cabe lembrar que de modo algum na biologia o ‘instinto’ está vinculado a um comportamento estereotipado e voltado a um objeto fixo” (HANNNS, 2004, p.143).

Conclui-se que a pretensa alegação de que a *Trieb* permite compreender aspectos distantes da biologia, já que para esta última (ciência biológica) haveria a suposta fixidez dos objetos, mostra-se, para o autor, equivocada.

Deve-se evitar o equívoco de cindir o termo *Trieb* e tratá-lo como referente ao biológico ou só ao que é humano e considerar que Freud tivesse superado uma fase biológica ingênua na qual os liames do *Trieb* com o biológico, o fisiológico, o químico e o animal tenham sido deixados para trás (HANNNS, 2004, p.141).

Temos assim um grande e indissolúvel impasse para o campo psicanalítico. Percebe-se que a ideia de uma “força constante”, apesar de produzir exigências semânticas à terminologia empregada, não permite a unificação em torno de uma única tradução da palavra *Trieb*. Haja vista que a Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, da editora Imago (1996), bem como a editora Companhia das Letras, a partir da tradução de Paulo Cesar (1924/2011), traduziram o escrito “*Trieb und triebchicksale*”, de 1915, utilizando a palavra “Instinto”. Já a tradução de Hanns, pela Imago, em 2004, apresenta a “pulsão”

como tradução de *Trieb*. O mesmo tem sido feito na edição da Autêntica, traduzida por Pedro Tavares Souza.

Se a exigência semântica para o conceito de *Trieb* parece colocar um impasse quanto à tradução da *Trieb*, devemos questionar quais as razões para tal embaraço ou querela na psicanálise freudiana. Como primeiro passo, (1) devemos verificar se tal embaraço não decorre de uma oscilação do pensamento de Freud. Verifiquemos de que modo essa oscilação pode ser compreendida. No escrito “A questão de uma *Weltanschauung*”, Freud (1932/1996) é emblemático ao mencionar que a psicanálise, enquanto uma psicologia profunda ou psicologia do inconsciente, mostra-se “praticamente incapaz de construir por si mesma uma *Weltanschauung*: tem de aceitar uma *Weltanschauung*” (FREUD, 1932/1996).

Pois bem, Freud (1900/1996) coloca a psicanálise em contato íntimo com a *Weltanschauung* da arte e da literatura, o que permite supormos que a literatura deve ser considerada como visão de mundo necessária para a formalização da *Trieb*. Uma formalização cuja ênfase epistemológica permite dizer da apreensão psíquica da *Trieb*, sem que a fonte ou a coisa em si esteja em questão. Aqui, veremos sobretudo a menção à Hamlet de Shakespeare. Em seguida, seguiremos a empreitada “propriamente” freudiana ao mencionar sua afiliação a uma visão de mundo científica. No escrito “A questão de uma *Weltanschauung*”, verificaremos que, para Freud (1932/1996), à ciência é o único conhecimento seguro, capaz de tocar a verdade. Trata-se de colocar em questão não tanto a apreensão da *Trieb* pelo psíquico, mas da própria fonte.

Portanto, trabalharemos ora com a primazia do caráter epistemológico de leitura ora com a primazia do caráter ontológico da *trieb*. Veremos que para a literatura há a predominância do viés epistemológicos das ciências espirituais em detrimento do valor ontológico trazido pela ciência natural. Em outras palavras, enquanto as ciências naturais colocavam em jogo a realidade em si, independente da apreensão do homem, as “ciências do espírito se ocupariam do meio prático da vida, do mundo criado, habitado e transformado pelo próprio homem, isto é, as sociedades, a história e os indivíduos” (IANNINI, 2019, p.110).

Tal dicotomia não se deu ao acaso, podendo ser encontrada na distinção entre a ciência do espírito e a ciência natural. Como ressalta Iannini (2019), no arvorecer do pensamento freudiano, Dilthey (1883) publicara a “Introdução às ciências do espírito” onde o autor buscava delimitar o estatuto das ciências humanas em contraposição às

ciências naturais. Essa querela se mantém “em plena efervescência (...) e continua viva durante toda a constituição dos conceitos fundamentais da Psicanálise” (IANNINI, 2019, p.110).

Ora, mas devemos endossar essa dicotomia para o pensamento de Freud? Para responder ao questionamento, (2) interrogaremos se a psicanálise deve se afiliar a uma *Weltanschauung* ou se ela deve constituir um Nome próprio ou campo próprio. Mencionar um Nome próprio para a Psicanálise, leva-nos certamente a reconsiderar o modo como se deve interpretar a *Trieb*. Trata-se de investigar em que medida o conceito de *Trieb* permite escapar à dicotômica entre a ciência (natural) e a literatura (ciências espirituais). Nessa direção, retomaremos o escrito “O infamiliar” de Freud (1919/2019), demonstrando um momento de virada teórica para o psicanalista.

## HAMLET E A PULSÃO

Entre todos os conceitos fundados e ampliados por Freud (1915a/2004), o conceito de *Trieb* foi aquele que mais trouxe questões ao psicanalista. No início do escrito “Pulsões e destinos da pulsão” o autor demonstra o problema que enfrentara ao buscar delimitar a *Trieb*: “um conceito convencional desse gênero, no momento ainda bastante obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia, é o de *pulsão*” (FREUD, 1915a/2004, p. 145).

Uma questão aqui deve ser formalizada: do que decorre tal obscuridade da *Trieb*? A nosso ver, porque a *Trieb* se apresenta como um conceito-limite entre o corpo biológico e o psíquico. Freud desejava afirmar a *Trieb* como aquilo que ultrapassa as determinações naturais do campo biológico ao mesmo tempo em que evitou determinações exclusivistas dadas pela linguagem e seus representantes inconscientes. O fato é que esse limiar conceitual se mostra problemático e marca um enigma fundamental da obra freudiana. Ainda que o psicanalista conserve a fonte da *Trieb* a partir do somático, a letra de Freud incorre para caminhos muitas vezes embaraçantes para o seu leitor.

Num primeiro momento, Freud (1905/1996) parece localizar a *Trieb* a partir de uma apreensão exclusivamente dada pelo campo representacional da linguagem. É o que o autor permite constatar pelo escrito “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”: “A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser

considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. (FREUD, 1905/1996, p.159)

Como salienta Hanns (2004), a *Trieb* seguia os parâmetros de um representante psíquico, de modo que “Freud não estabelecia nenhuma distinção entre um ‘instinto’ [*Trieb*] e seu ‘representante psíquico’” (p.134). Ao mencionar que a origem da *Trieb* decorre de um órgão ou parte do corpo, Freud (1915a/2004, p. 149) parte do princípio de que o somático é a fonte e que a *Trieb* “só se faz conhecer na vida psíquica por suas metas”. Desse modo, a fonte da *Trieb* não possui representante psíquico, mas apenas a meta e os objetos.

A meta da *Trieb* é aquilo que de sua fonte pode vir a ser apreendida pelo psíquico. A meta visa a satisfação, isso é, quando o estado de estimulação presente na fonte da *Trieb* tenderia à “suspensão”. Embora a meta não seja propriamente o alvo da *Trieb*, ela só produz seus efeitos a partir da relação com os objetos. Desse modo, a *Trieb* só se deixa conhecer pelos objetos que permitem que sua meta seja alcançada. Parece haver num primeiro momento a própria equivalência entre meta e objeto na medida em que a meta só pode se apresentar pelo alvo da *Trieb*.

É o que significa dizer que a *Trieb* está completamente tomada pelos representantes psíquicos, o que, aqui, equiparamos à linguagem e à imagem do traço de memória. Afinal, na historicidade da *Trieb*, “todos os processos de excitação que ocorrem nos outros sistemas deixam atrás de si traços duradouros que consistem o fundamento da memória” (FREUD, 1920b/2006, p. 149). Ora, são dos traços de memória que Freud captou, desde muito cedo, a possibilidade de interpretar a psicopatologia a partir das reminiscências sexuais de suas pacientes histéricas.

As reminiscências diriam de uma lembrança experienciada de modo prazerosa pelo inconsciente, mas ao mesmo tempo corresponde à fonte de desprazer consciente. Ainda que Freud obtivesse formação médica, ele interpretou as reminiscências de suas pacientes tomando a literatura como modo de assimilação entre a clínica e a cultura. Pela literatura de Shakespeare (2014), Freud retomou *Hamlet* como um romance capaz de trazer a presença de moções infantis e primitivas do desejo, o que, nesse caso, equiparamos à formalização do conceito de *Trieb* (pulsão sexual).

É bem verdade que no escrito “A interpretação dos sonhos”, Freud (1900/1996) aborde a literatura de Shakespeare, mas não se verifica a presença do conceito de *Trieb* conforme veremos a partir de 1905. Temos então a antecipação desse conceito

a partir de outros termos, dentre eles, o “anímico”. Retomemos brevemente a novela shakespeariana para compreendermos em que medida o romance contribui para que a psicanálise aborde a reminiscência de conteúdos anímicos.

Na peça “Hamlet”, o espectro do pai do herdeiro da Dinamarca aparece pelos corredores do castelo, exigindo que o filho se vingue daquele que o assassinou. Hamlet deve assassinar o atual rei da Dinamarca, retomando o reino das mãos de Cláudio, seu tio, homem que se apossara do cetro e da coroa real, desposando em seguida a rainha Ofélia, mãe de Hamlet.

Na história, porém, vemos que Hamlet não consegue vingar a morte do pai. O personagem sofre de inibições terríveis que o levam a infundáveis subterfúgios e esquivas diante da missão a ele endereçada. Freud observa que o que está em questão não é tanto o ato de assassinar alguém, como se houvesse aí um horror, mas uma inibição frente ao assassinato do tio. Afinal, a “sangue frio”, Hamlet foi aquele que transpassou sua espada pela cortina, matando o curioso que ali se encontra. Para Freud, encontramos, como causa da inibição, a marca do desejo parricida e incestuoso. É porque o personagem um dia quis realizar o feito de seu tio, que veremos sua inércia diante das exigências do fantasma paterno.

Frente ao impasse de Hamlet, Freud observou que há uma relação entre Shakespeare e a sua produção literária. Nesse sentido, o escritor deve ser entendido um pouco como o herói de sua obra. Pouco antes de Shakespeare escrever “Hamlet”, Freud observa que o romancista perdeu o pai, o que certamente produziu impactos psíquicos para o escritor. Diante da morte do pai, Shakespeare provavelmente reviveu os sentimentos infantis e primitivos em relação ao genitor masculino, o que o levou supostamente a criar o romance inglês. Freud ainda observou que o filho de Shakespeare se chamava “Hamnet”, o que reforça a aproximação sugerida entre a vida do escritor (seu inconsciente) e a ficção literária.

Assim, ao que tudo indica, Shakespeare realizou seu desejo inconsciente – prazeroso para o inconsciente e desprazeroso para a consciência - pela paralisia de seu personagem – Hamlet -, personagem esse que sustentou indiretamente o ato parricida e incestuoso. Desse modo, podemos interpretar que o desejo de Shakespeare sofre de interdições - na medida em que há a inibição do desejo de Hamlet -, mas que o desejo se realiza pelo efeito de transformação em inibição.

Por fim, ao subverter a contingência e a temporalidade da história shakespeariana, Freud reencontra a trama edípica como funcionamento universal das

pulsões sexuais. Pela natural e imutável objetificação conferida pelo desejo incestuoso e parricida, veremos a *Trieb* emergir como reminiscência de conteúdos anímicos na literatura. Porém, na medida em que a *Trieb* se faz “conhecer na vida psíquica” (Freud, 1915a/2004, p.149) pelo objeto literário, Freud parece dar prevalência à leitura epistemológica.

## O INFAMILIAR NA LITERATURA DE HOFFMANN

Em 1919, na escrita do texto “O infamiliar”, Freud chama atenção para o fato de que o psicanalista raramente se sente estimulado a investigação estética. No entanto, pode ocorrer que suas investigações se voltem por um domínio específico do campo estético. Nessa via, não se trata da estética do belo, presente em grande parte da literatura ocidental. Freud se refere a algo que é “comumente deixado de lado, negligenciado pela literatura especializada” (FREUD, 1919/2019, p.29) – o conceito de infamiliar.

Como esclarece Dunker (2019) o problema do infamiliar já fazia parte das intelecções freudianas muito antes de 1919. Porém, é apenas nessa data que Freud se dedicou à escrita de um texto no qual buscou localizar precisamente esse conceito. Ernani Chaves (2019) nos recorda que “O infamiliar” é introduzido por Freud como texto intermediário entre o escrito sobre o narcisismo, de 1914, e o “Além do princípio de prazer”. Ora, mas em que consiste tal mediação? Retornemos brevemente o escrito de 1914, buscando localizar a relação entre narcisismo e a literatura.

No escrito “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914/1996) apresenta certa reserva entre aquilo que da *Trieb* se torna representação psíquica, traço de memória - na medida em que se funda o eu -, e aquilo que se apresenta com uma não-inscrição à linguagem e aos representantes psíquicos. Em suma, trata-se de distinguir o “instinto do ego da libido do ego” e, por conseguinte, diferenciar a “libido do ego da libido objetal” (FREUD, 1914/1996, p.84).

Ao que tudo indica, no escrito citado, uma quota da *Trieb* prevalece para além dos investimentos narcísicos da libido e sua relação dialetizante com a libido objetal. O instinto do ego permanece como *Trieb* não dialetizável, por isso, não expresso em palavras ou imagens. O passo de Freud consistiu em demonstrar que “o ‘instinto’ [*Trieb*] não é mais considerado o representante psíquico de impulsos somáticos, mas antes como sendo ele próprio algo não-psíquico” (HANNIS, 2004, p.134).

A proposição freudiana parece, porém, não ser suficiente para inferir que algo da *Trieb* se apresente além dos muros da representação psíquica e do dialetismo entre eu e mundo externo, pois, o instintual, neste caso, só pode se apresentar por sua relação com a libido do ego. Os instintos auto-eróticos “ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo” (FREUD, 1914/1996, p.85). O “instinto do ego”, como dimensão *a priori*, não retira a psicanálise freudiana do impasse entre o não familiar (e/ou irrepresentável da fonte da *Trieb*) e o familiar das representações psíquicas. Não saímos da dicotomia entre a fonte biológica e o psíquico como apreensão da *Trieb*.

Pois bem, no escrito “O infamiliar”, Freud (1919/2019) relata que a cisão da castração realiza uma divisão do ego, momento em que se projeta para “fora do eu”, algo novo, um infamiliar. Esse infamiliar é responsável por produzir o horror, o medo e a angústia. Aqui, Freud apresenta-nos algo sutil e de extrema importância: ele busca compreender o infamiliar da angústia como sentimentos ou emoções que não estejam “inibidas quanto à meta” (FREUD, 1919/2019, p.29). Portanto, pelo horror da angústia, o psicanalista mantém a meta da *Trieb* sem que a meta seja inibida pelos objetos e representantes da linguagem - imagem.

Em outras palavras, aquilo que se encontra além do campo do duplo, além do narcisismo primário, é o que devemos compreender como infamiliar da angústia. Com o infamiliar, a angústia se torna uma espécie de estrangeiridade à própria familiaridade do recalcado (atrelado à libido do eu). Portanto, o *Unheimliche* compete a um retorno de um recalcado que se (1) apresenta como algo aterrorizante, (2) remete a um velho conhecido e, por fim, (3) trata-se de algo há muito íntimo.

Finalmente, nos é possível ir além do não familiar. Não por acaso, devemos recusar qualquer interpretação do infamiliar a partir da leitura de Jentsch. Para esse último, trata-se de tomar o infamiliar como uma incerteza intelectual. Ora, aqui temos a presença de algo que “nada se sabe” (FREUD, 1919/2019, p.33), o que não permite dizermos de sua familiaridade (*heimlich*). Ao mesmo tempo, não se trata do retorno simples e absoluto de um familiar ou algo que está no lugar do representante psíquico como saber capaz de produzir, pela inversão da operação, a restituição narcísica.

No escrito intitulado “O animismo e indeterminação em ‘*Das Unheimliche*’”, Dunker (2019) comenta o prefixo “Un” de *Unheimliche* para dizer que não se trata de pressupor nem a negação determinada, segundo a relação entre antônimos, nem da pura negação indeterminada, na qual não há valor correlacional, isso é, quando

somente encontramos a pura indiferença e aleatoriedade entre os termos. “É por isso que a negação da familiaridade (*heimlich*) não corresponde nem ao estrangeiro, como negação positiva do familiar, nem ao estranho, como alheio ou indiferente. (DUNKER, 2019, p.203). Assim, pelo *Unheimliche*, encontramos uma oposição parcial e não de toda alheia.

Com a saída do campo puramente representacional do recalçado, Freud deflaciona sua interpretação da obra shakespeariana. Evidentemente, “Hamlet” representa uma tragédia, mas, no que se refere a sua relação com a realidade traz, desde as primeiras cenas, a perspectiva fantasiosa em prevalência à realidade. “As almas do inferno de Dante ou a aparição de espectros no *Hamlet*, em *Macbeth* e em *Júlio César*, de Shakespeare, deveriam ser suficientemente lúgubres e amedrontadoras, mas, no fundo, são tão infamiliars quanto o sereno mundo dos deuses de Homero” (FREUD, 1919/2019, p. 109).

O psicanalista busca compreender os restos deixados pela literatura e pela arte, aquilo que não é sublimado, não é belo ou esteticamente admirável. Tanto que, no escrito “O infamiliar”, Freud não enfatiza a sublimação como destino da *Trieb*, mas volta seu interesse pelo que resta desta operação: o infamiliar do recalque. Aqui, não basta simplesmente o recalçado, pois, seu simples retorno nos conduziria à “catarse reparadora” (CHAVES, 2019, p.156) do narcisismo, morada do belo segundo à perfeição produzida pelo duplo como negação da morte.

A literatura que interessa a Freud para retratar o infamiliar é representada pelo “Homem da Areia de Hoffmann” (1815/2019). No conto, Hoffmann traz a história de Olímpia como um autômato que se comporta como um ser animado, o que foi tido por muitos intérpretes como a verdadeira causa de infamiliaridade. Porém, é necessário salientar que a verdadeira marca do infamiliar ainda não se encontra na figura da boneca. O “tema de Olímpia, a boneca aparentemente viva, não é, de modo algum, **nem o único nem o principal responsável pelo incomparável efeito infamiliar no conto** (grifo nosso)” (FREUD, 1919/2019, p.51)

Na literatura de Hoffmann, a dúvida que interessa a Freud se refere ao fato do leitor não saber ao certo se o advogado Coppelius é o Homem da areia e, posteriormente, se o ótico Coppola é o advogado Coppelius. Eis, o verdadeiro espectro ou fantasma que permite ao psicanalista pensar no *Unheimliche* da angústia. O leitor não sabe se se trata do delírio de Nathanael, como muitas vezes menciona

sua namorada, Clara, ou se se trata da realidade, de uma história de terror, do fatídico e temeroso encontro do garoto com o homem de areia.

O conto de Hoffmann traz à tona o infamiliar “de que os olhos devem ser roubados” (FREUD, 1919/2019, p.59). Assim, Freud começa a análise do *Unheimliche* pelo estudo da língua, pelo “testemunho do uso da linguagem” (p.33). É imprescindível notar o privilégio que o psicanalista dá aos deslizamentos da palavra “olhos” durante a interpretação do conto de Hoffmann. Primeiramente, o advogado Coppelius que, na condição de Homem da Areia, é tomado como culpado pela explosão no escritório do pai de Nathanael. Nessa cena, o pai do garoto aparece com o rosto queimado, como quem teve os olhos em brasa, logo após suplicar pelos olhos do filho. Posteriormente, o ótico, Giuseppe Coppola aparece vendendo *bellis occhios*, palavra que manteria a homofonia com “olhos”, apesar de se referir a “óculos”. E, por fim, a cena final, quando Nathanael grita, antes do suicídio: “- roda de fogo, roda de fogo”.

E, qual a importância dos olhos na compreensão do infamiliar? Freud constata que os olhos são associados ao pênis, e, por isto, carregariam a marca do horror a castração. “O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos nos ensinou que a angústia relativa aos olhos, o medo de ficar cego é, com frequência, um substituto do medo de castração” (FREUD, 1919/2019, p.61). Assim, é na medida em que “substitui o Homem da Areia pelo temido pai, de quem se espera a castração” (p.63) que Freud aponta para o infamiliar.

O objeto literário de Hoffmann vai além do campo puramente representacional. É aquela em que o escritor se coloca no interior da realidade comum. Ao se colocar, ele promete a realidade ordinária quando, por fim, o leitor é pego de surpresa, chocando-se com o campo da fantasia. *O homem da areia* leva seu espectador ao limite de sua relação com a realidade, fazendo-o acreditar que se trata do mesmo mundo que o dele, mas, por fim, deixa-o sem saber se se trata do mesmo mundo.

Pode-se dizer que o infamiliar representa o ponto de contato entre o anímico e a realidade ordinária na vida adulta. Assim, o *unheimliche* comporta-se como a supressão do fronteiroço entre os dois mundos. “[...] algo que tem um efeito de infamiliar frequente e facilmente alcançado quando as fronteiras entre fantasia e realidade são apagadas (grifo nosso)” (FREUD, 1919/2019, p.93). Na supressão entre as fronteiras da fantasia e da realidade, Freud encontra a marca do anímico.

Cabe, porém, questionarmos de que anímico Freud se refere ao mencionar o retorno do infamiliar.

## O ANIMISMO NA OBRA DE FREUD

É conhecido que a psicanálise tenha se iniciado pela escuta das histéricas e, que, por conseguinte, a teoria da pulsão sexual fora formulada pela escuta dessas pacientes. Viu-se o retorno do sexual como objeto de exclusão e encobrimento, conteúdo que deveria permanecer recalçado, reaparecendo por meio do relato dos sonhos. Aqui, Freud pode empregar o retorno do anímico como complexo de representações que conduziriam ao desejo primitivo. Essa compreensão, levou o psicanalista a formalizar a teoria dos sonhos como caminho rumo a realização de um desejo.

Como motor dos sonhos, notava-se a presença do prazer proibido, de fundo sexual, como etiologia não apenas dos sonhos, mas sobretudo e principalmente das psiconeuroses. Portanto, o retorno de imagens e lembranças que permitiram entrelaçar as reminiscências oníricas às cenas das telas teatrais e folhas literárias. Daí aproximarmos inicialmente o sonho e a literatura de Shakespeare. Em ambos, vimos a reminiscência de lembranças (fantasias) incestuosas e parricidas pela presença patológica do conteúdo anímico.

Ora, mas o que podemos afinal descrever como anímico? Dunker (2019) define o animismo em paralelo ao narcisismo. Na realidade, o autor descreve o narcisismo como um animismo na medida em que crenças em espíritos humanos, a onipotência de pensamentos, as técnicas mágicas e, por fim, a supervalorização de si, conduzem-nos à identidade de si, definição do eu. O animismo se entrelaça ao narcisismo exatamente na medida em que confere ao eu poderes mágicos, onde os desejos permitem dominar os objetos externos e controlar a realidade pela força dos pensamentos. Pode-se dizer que o animismo representa a deflação da realidade concreta na medida em que o sujeito organiza imaginariamente a realidade ao seu modo. “O animismo narcísico seria especialmente refratário a admitir a realidade simbólica de certos eventos tais como a comunalidade e a mortalidade” (DUNKER, 2019, p.209).

Seguindo as etapas do desenvolvimento infantil, é somente na fase fálica que veremos se inscrever uma cisão. Na evolução psicopatológica da criança, o narcisismo primário deve ser fraturado na medida em que a criança atravessa a castração, desinvestindo-se do conteúdo incestuoso e parricida. Pela cesura inscrita

pela castração, a criança se desvincula do animismo, indo em direção ao totemismo. Portanto, com o totemismo, vemos uma fratura à imagem narcísica. Em suma, deparamo-nos com a deflação do mundo fantasiado, obtendo assim uma realidade desencantada. Logo, o totemismo se refere ao momento em que os filhos da horda primitiva encontram a figura do totem como interditor e fundador de um lugar como exceção. Corresponde ao momento em que as estruturas sociais se desenvolvem, permitindo interditar os desejos infantis (incestuosos e parricidas), e, por fim, organizando a vida em sociedade.

No escrito “Totem e tabu”, Freud (1913/2012) equipara o infantil aos povos primitivos, o que nos leva a entender o animismo como uma relação deficitária e pré-simbólica se comparado ao totemismo. Ora, Freud institui o totemismo como possibilidade de substituição das satisfações primitivas por satisfações objetais adultas. Nessa espécie de hierarquia entre animismo e totemismo, o totemismo se comporta como uma organização capaz de chegar mais próximo à realidade adulta e compartilhável – própria dos povos desenvolvidos-, sendo o animismo mais próximo do infantilismo de alguns povos subdesenvolvidos.

Os avanços pelo totemismo não evitam, porém, o retorno do animismo. Nas lacunas do totemismo, veremos o anímico como “forma fetichista ou metonímica” (DUNKER, 2019, p.2007) de satisfação primitiva com os objetos da primeira infância. Portanto, é pelo retorno do animismo na vida adulta que Freud inventa ou descortina a relação do sujeito com o prazer e o sexual. Há, nesta perspectiva, a apreensão hierárquica do sexual e dos objetos de satisfação.

Pois bem, com a primeira grande guerra, Chaves (2019) salienta que Freud teria se deparado com um novo objeto de estudo. Seu estudo e escuta foi se “deslocando” das pacientes histéricas para a escuta dos ex-combatentes. Essa mudança permitiu que ele recolhesse os primeiros relatos durante e após a guerra. Inúmeros pacientes relatavam sonhar com o conflito bélico, o que levou o psicanalista a problematizar a interpretação anterior de que os sonhos seria o caminho para a realização do desejo.

As reminiscências já não mais diziam de uma sexual proibido, prazeroso ao inconsciente e desprazeroso à consciência, mas da pura repetição do desprazer. Portanto, o mesmo veremos em relação ao anímico: não mais podemos descrevê-lo unicamente como a experiência primitiva sexual e recalçada. Por isso, Dunker (2019) salienta que o infamiliar da angústia não se refere ao anímico como pré-simbolismo

ou déficit frente ao totem e ao pacto civilizatório. A hierarquia entre o anímico e o totem, seguidos da ciência, é deflacionada.

Como ressalta Chaves (2019), após a primeira grande guerra, Freud se deparou com uma ciência que ao contrário de trazer a razão, como possibilidade de interdição dos desejos primitivos, acabou por sofisticar o modo como os homens podiam se matar. A guerra, que começara com cavalos puxando armamentos, foi se transformando a ponto de se encerrar como uma guerra de gases. Como efeito, trata-se não tanto de citar a oposição da ciência ao primitivo (do anímico), mas do endossamento à morte pela ciência. Portanto, não se trata do retorno do anímico como saber do sexual, mas essencialmente o retorno da morte na medida em que representava o “cancelamento da crença na realidade” (DUNKER, 2019, p.211).

Em outras palavras, vê-se que há o desmoronamento não apenas do ideal científico, mas da própria realidade ontológica do pensamento adulto/ científico. Logo, o infamiliar leva-nos a pensar o anímico não tanto como o retorno de uma experiência imaginária – em déficit com o simbolismo da realidade objetiva da ciência-, mas fundamentalmente a proposição de uma outra realidade. Segundo Dunker (2019) vemos surgir o real como uma realidade outra – “realidade poética” (p.217). Uma realidade até então não prevista nem pela realidade concreta-objetiva da ciência nem pela realidade puramente ficcional da literatura shakesperiana.

Dunker salienta que não se trata da variação de interpretações para uma ontologia fixa, mas da própria variação ontológica da realidade. Diremos com Dunker que o *Unheimliche* nos remete a uma experiência “antropológica e talvez ontológica de indeterminação” (DUNKER, 2019, p.200).

À medida que o texto freudiano progride, “ganha força a ideia de que se trata de um efeito da transformação da realidade como processo” (DUNKER, 2019, p.204). Para Dunker (2019), “tudo se passa como se Freud estivesse admitindo a existência de ontologias variáveis, entre a ficção e o documentário, entre o mundo possível e o mundo necessário, *sem fixar este último no critério ontológico da ciência* (grifo nosso) (DUNKER, 2019, p.216).

Por isso, não se trata mais apenas do retorno do narcisismo como déficit cognitivo frente aos outros e ao compartilhamento do simbólico, mas de algo novo e igualmente compartilhado. Por isso, o *Unheimliche* foi definido por Dunker como um sentimento de partilha social dos afetos. Esse não se refere à individualização expressa pelos afetos.

Não mais a angústia como sinal da pulsão sexual, mas sobretudo da morte. “Abre-se aqui o espaço para um tipo de angústia que não responde à gramática do retorno (*wiederkehr*), seja ele totêmico ou animista, mas corresponde ao caso maior e mais fundamental da repetição (*wiederholung*)” (DUNKER, 2019, p.217). Aqui, veremos o privilégio da literatura de Hoffmann na opinião de Freud. O psicanalista salienta que o “escritor pode elevar e diversificar esse *infamiliar* bem além daquilo que é possível nas vivências, na medida em que ele deixa acontecer aquilo que, na realidade, raramente ou nunca chega a se tornar experiência” (FREUD, 1919/2019, p.111).

Pela literatura de Hoffmann não se trata tanto de propor uma variabilidade interpretativa da epistemologia literária frente à fixidez da coisa em si, nem de uma ontologia fixa, dada pelo real científico.

### **A WELTANSCHAUUNG CIENTÍFICA**

No tópico anterior, descrevemos “o infamiliar” da literatura de Hoffmann como importante visão de mundo para a formalização da *Trieb*. No entanto, isso não significa que não encontremos na obra freudiana ambivalências ou opiniões divergentes ou difícil conciliação. No escrito “A questão da *Weltanschauung*”, Freud (1932/1996) apresenta a literatura como visão de mundo incapaz de trazer a verdade. Ele aponta para a arte como sendo quase sempre “inócua e benéfica; não procura ser nada mais do que uma ilusão” (p.157). Essa sentença deve ser tomada com cautela. Retomemos primeiramente sua condição inócua para posteriormente abordarmos seus benefícios.

Freud aproxima-se de uma noção de verdade próxima àquela dada pelas ciências naturais, o que permite compreendermos porque ele atribui à literatura seu estatuto inócua. Ora, e do que decorre tal estatuto? Nada mais nada menos que inscrição de paradoxos. Lembremos que no escrito “O Infamiliar”, o psicanalista começa sua análise não tanto pelos casos clínicos, mas sobretudo “por meio do testemunho da linguagem” (FREUD, 1919/2019, p.33).

O autor privilegia uma visão de mundo capaz de conceber a contradição. Vejamos o próprio termo “*Unheimliche*”. Ele conserva a dimensão de uma antítese. No escrito “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas”, Freud (1910/2019) aborda as palavras que reúnem em si significados opostos: “Longeperto” [*fernnah*] ou

“foradentro” [*ausseinnen*], ou ainda, “estranhofamiliar” ou “infamiliar” [*unheimliche*]. A palavra manteria dois vocábulos de significação contraditória a partir de uma palavra aparentemente não contraditória.

Ora, para a ciência, tais antinomias serão momentaneamente desconsideradas no que se refere ao acesso à verdade. O paradoxo será colocado ao lado de cosmovisões anarquistas, isso é, quando não se está à procura da verdade. Tomemos o paradoxo da sentença: “todos os cretenses são mentirosos” (FREUD, 1932/1936, p.171). Se o homem diz que está mentindo, ele está falando a verdade; e se, está dizendo a verdade, está mentindo. É possível inferir que ele mente e diz a verdade ao mesmo tempo. Portanto, tal crítica, acaba por se contrapor ao que Freud trabalha como sentido antitético das palavras primitivas.

O paradoxo toma, para o psicanalista, a compreensão puramente especulativa, pouco alicerçada na realidade empírica e no funcionamento do mundo. Limita-se à perspectiva relacionada à concretude da realidade. Eis a ênfase de seu pensamento: utilizar a engenharia e a física como paradigma necessário para alcançar a verdade. Freud descreve que, caso se cometa algum equívoco no projeto ou execução da construção de uma ponte, rapidamente será possível observar os efeitos da compreensão errônea da realidade. Uma realidade que, aí, não permite ambiguidades ou interpretações puramente especulativas, pois, a ponte só se mantém de pé devido aos cálculos e materiais utilizados na sua construção.

É da correspondência do saber com a realidade em si que Freud retomará o conceito de verdade, no escrito “A questão de uma *Weltanschauung*”.

Seu esforço é no sentido de chegar à correspondência com a realidade – ou seja, com aquilo que existe fora de nós e independentemente de nós, e, segundo nos ensinou a experiência, é decisivo para a satisfação ou a decepção de nossos desejos. A essa correspondência com o mundo externo real chamamos de ‘verdade’. (FREUD, 1932/1996, p. 166).

Nota-se que o aspecto ontológico ganha prevalência na medida em que o austríaco visa à realidade independente da compreensão humana. Afinal, o “objeto da ciência”, revela sua “sustentação ontológica” (IANNINI, 2019, p.111). Para Iannini (2019), as ciências da natureza se ocupariam de uma parte da realidade que o homem não criou. Desse modo, trata-se de uma realidade idêntica a si mesma, sendo passível de ser calculada e medida. Aqui, é o próprio conceito de verdade se determina pela

ciência natural. A verdade como aquela que corresponde ao mundo externo. Para alcançar a verdade, veremos o saber como aquele que consegue chegar à ontologia do objeto, à realidade em si. Assim, a ciência aparece como aquela que poderia vir a compreender a fonte da *Trieb*.

Seguindo essa linha de raciocínio, a *Weltanschauung* científica seria aquela que supostamente melhor compreenderia ou se aproximaria da realidade em si, da coisa em si, daquilo que não depende da apreensão do homem. Por isso, com a ciência da natureza, temos supostamente a possibilidade de mencionar a fonte da *Trieb* como algo independente de sua apreensão pela meta. Vê-se que com as ciências naturais, encontramos a possibilidade de enfatizar os aspectos biológicos da *Trieb* na medida em que se enfatiza um saber ontológico, propício à biologia.

Vemos a admiração de Freud à biologia. A ciência biológica “é, verdadeiramente uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos fornecerá as informações mais surpreendentes, e não podemos imaginar que respostas nos dará, dentro de poucas dezenas de anos” (FREUD, 1920a/1996, p.70). na mesma página, Freud menciona que os possíveis avanços da biologia “poderão ser de um tipo que ponha por terra toda a nossa estrutura artificial de hipóteses”.

Observemos que a biologia aparece para Freud como promessa futura, construindo uma visão de mundo capaz de solucionar todos os problemas. A biologia se apresenta como possibilidade de conhecimento da pulsão, sem que a psicanálise tenha de se debruçar sobre argumentos metafísicos ou místicos. Afinal, Freud recusa veementemente a *Weltanschauung* filosófica e o misticismo da religião. Como salienta Chaves (2019) mesmo ao abordar o *Unheimliche* pela literatura de Hoffmann, “não se trata do ‘irrepresentável’ ou de sua ‘transcendência’” (CHAVES, 2019, p.155).

Nesse sentido, além da possibilidade de um saber futuro, como promessa ontológica da ciência, Freud encontra, “na incompletude provisória do saber científico” (DUNKER, 2019, p.210) mais do que o não familiar de Jentsch – ainda que esse seja um não saber necessário para que se produza um vazio na episteme na medida em que a possibilita avançar -, mas a abertura de possíveis novas realidades. Em outras palavras, na medida em que a lacuna do saber científico reconhece o não saber temporário sobre a realidade que se abre como possibilidade novas realidades.

Por isso, ainda que Freud (1920a/1996) descreva literalmente sua afiliação à ciência, ele mantém certa hesitação em direção à ciência biológica. No escrito “Além do princípio de prazer”, o autor descreve que “a ciência tem tão pouco a nos dizer

sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou” (FREUD, 1920a/1996, p.67).

Portanto, para que a psicanálise possa se afiliar à visão de mundo científica, Freud (1932/1996) introduz uma modificação na própria ciência para que ela consiga lidar com os aspectos da *Trieb*. Para ele, a psicanálise deve se afiliar à ciência apenas na medida em que se inclui o mental no interior do pensamento científico.

### **A PSICANÁLISE COMO NOME PRÓPRIO**

No escrito “Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência e mito”, Iannini (2019) retoma os primeiros dois parágrafos do escrito “As pulsões e seus destinos” para compreender o que nomeou como o estatuto epistemológico do conceito de pulsão em Freud. Veremos essencialmente três considerações: (1) Primeiramente, Freud (1915b/2019) observa que a exigência da ciência deve partir de conceitos claros e precisos, mas embora seja essa uma descrição frequente, não veremos tal precisão na própria história das ciências nem na prática científica dos cientistas. Desse modo, há a consideração sobre critérios *a priori* à investigação científica que são contrariados pela própria ciência.

Em seguida (2), Iannini aponta para uma espécie de consideração apressada que levaríamos a um positivismo de Freud: “O verdadeiro início da atividade científica consiste, antes, na descrição de fenômenos, que serão depois agrupados, ordenados e correlacionados” (FREUD, 1915b/2019, p.15). Teremos supostamente a apreensão de fatos empiricamente dados que apenas, num segundo momento, serão passíveis de serem correlacionados pela teoria. Iannini observa que, nesse sentido, os fenômenos se mostram ao pesquisador em toda sua objetividade, de modo que a correlação dos mesmos com a teoria seria apenas secundária. “Em suma, tudo parece indicar o endosso de uma visão segundo a qual a ciência começa pela observação de fatos e ascende gradualmente a níveis mais elevados de conhecimento, em que leis são formuladas e previsões realizadas” (IANNINI, 2019, p. 101).

Por fim, (3) o autor nos apresenta um terceiro giro na apresentação epistemológica de Freud. A ciência não decorre da aproximação de fenômenos objetivamente dados segundo a apreensão pura da teoria. Isso porque não existe fenômenos puros, tendo em vista que toda descrição é atravessada pelas ideias

abstratas. “Chegamos a um entendimento quanto ao seu significado, remetendo-nos continuamente ao material experiencial, do qual parecem ter sido extraídas, mas que, na verdade, lhes é subordinada” (FREUD, 1915b/2019, p.15). Nessa perspectiva, as ideias abstratas parecem ser derivadas do material empírico, mas, na realidade, acabam por antecipar à própria apreensão do material, impregnando a descrição da experiência e dos fenômenos.

A priori poderíamos supor a simples oposição da segunda pela terceira consideração, aqui, demonstrada. Porém, devemos ter cautela antes de produzirmos uma antítese cuja síntese representa a simples negação da negação anterior. Freud estabelece a pesquisa epistemológica da pulsão num complexo jogo de vai e vem entre o material e as ideias abstratas. Somente a partir de um extenuante movimento de idas e vindas entre as ideias e o empírico é que poderemos descrever, efetivamente, a presença de conceitos.

Não por acaso, observamos que as identidades epistemológicas para Freud não são apresentadas como princípios irrefutáveis, sendo as descrições clínicas a comprovação de que a teoria psicanalítica não se manteve isenta às reformulações exigidas. Afinal, os casos clínicos de Freud são, em sua maioria, “casos paradigmáticos de erros ou insucesso que exigiram reformulações técnicas ou teóricas” (IANNINI, 2019, p.103). A aposta de Freud na ciência não se enquadra tanto na referência a uma rigidez da ciência, mas fundamentalmente no rigor conceitual científico.

Como herança das ciências naturais, Iannini saliente que Freud transforma o “fato enquanto tal” no “fato clínico”, o que permite dizermos de uma objetividade necessária ao analista, evitando que a interpretação se reduza a inferências aleatórias, advindas do pesquisador-analista. O autor, todavia, reconhece o terreno arenoso que tenta caminhar, de modo que também atribuiu ao “fato clínico” à dimensão do inconsciente do próprio analista. Nota-se que a formulação do objeto psicanalítico não escapa ao próprio inconsciente do analista, o que, evidentemente nos coloca frente à impossibilidade de mencionarmos um objeto cuja característica maior seria a neutralidade do pesquisador. Desse modo, trata-se não tanto da rigidez metodológica do cientista, mas da ciência como rigor e objetividade.

Iannini demonstra que as descobertas de Freud se referem a um certo faro do pesquisador, condição necessária para que ele não se acomode a um paradigma dado, sem que se possa romper com as paredes metodológicas empregadas pela

ciência normal. “Nesse momento, Freud afirma que o cientista, antes de ser capaz de reconhecer e demonstrar, parece adivinhar (*erraten*) alguma correlação significativa entre aquelas ideias abstratas e o material empírico” (IANNINI, 2019, p.103-104). A honestidade intelectual de Freud coloca-nos frente à intuição, à suposição e à adivinhação – relativos à tradução de *erraten* –, termos que dificilmente serão encontrados nos manuais de metodologia científica.

Assim, o autor descreve que as ciências, “no princípio, elas devem manter certo grau de indeterminação” (FREUD, 1915b/2019). No início, não há propriamente conceitos, mas apenas a presença de ideias, ressalta Iannini. “É necessário tolerar certo grau de indeterminação e de obscuridade para que a experiência possa surpreender o investigador e obrigá-lo a redefinir os contornos de suas ideias” (IANNINI, 2019, p.102). Nessa perspectiva, Freud não caminha apenas em direção à ciência, mas igualmente em direção à poesia. Como interpreta Iannini, a carta epistemológica de Freud também se endereça ao poeta.

Na medida em que a racionalidade encontra seus limites, veremos a figura imaginativa do poeta como possibilidade especulativa para o psicanalista cientista. Desse modo, o poeta se põe a fantasiar a realidade na medida em que a toma com certo tom imaginativo. “Fantasiar liga-se ao *erraten* porque ambos estão ligados à faculdade da imaginação” (IANNINI, 2019, p.105). Desta ligação extrairemos um ponto em comum entre a ciência (não ordinária) e a poesia, de modo que poderemos mencionar o psicanalista como um cientista-poeta. “Sim, há um aspecto especulativo irreduzível tanto na ciência quanto no mito e na escritura. É esse o elemento que os une” (IANNINI, 2019, p.126). O poeta aparece como possibilidade de driblar a racionalidade crítica, dada pelo cientista ordinário, de modo que o paciente possa, como no romance literário, dizer tudo aquilo que lhe vem à cabeça sem maiores hesitações.

Nessa perspectiva, o irreduzível entre a literatura e a ciência pode ser tomado segundo a “supressão” da fronteira entre a visão de mundo literária (poética) e a visão de mundo da ciência, condição anteriormente relacionada ao infamiliar (*unheimliche*). Lembremos que Freud apresenta-nos o infamiliar como a “supressão da fronteira” entre a realidade ordinária e a fantasia no infamiliar. Tanto que Assoun (1983) menciona que a abordagem da identidade analítica corresponderia a um “barroco epistemológico”.

Para compreendê-la, não hesitemos em falar de barroco epistemológico. Se é verdade que o barroco é o encontro de estilos heterogêneos compostos numa totalidade onde cada heterogeneidade é constituinte, podemos muito bem falar de barroco, na medida em que a epistemologia freudiana opera nas fronteiras de tradições estrangeiras (ASSOUN, 1983, p.135).

Eis a possibilidade de torcer a dicotomia ciência natural – ciência espiritual, evitando que giremos em torno do mesmo. “Freud não escolhe ciências da natureza *contra* ciências do espírito. Ele recusa a questão. Quer mostrar que a alternativa não existe” (IANNINI, 2019, p.111). Ao recusar ou suprimir a dicotomia entre a ciência natural e a ciência espiritual, a psicanálise, porém não nega a influência da ciência e da literatura. “Trata-se menos de negá-los do que de adaptá-los a espaços novos” (ASSOUN, 1983, p.135).

Interpretando Assoun (1983), diremos que não se trata tanto da descoberta da psicanálise e da pulsão por Freud, mas da própria emergência de um saber novo como resultado criativo no qual o psicanalista é o agente. “Se o barroco constitui, por si só, a emergência de um estilo novo que não esgota a soma de seus componentes, profundamente original, ainda é a esse título que a psicanálise se institui como barroco epistemológico” (ASSOUN, 1983, p.135)

Pela indeterminação – própria ao cientista e ao poeta - a psicanálise constitui o objeto no momento mesmo em que se apropria dele. Pela indeterminação do objeto, assegurada por Freud, o psicanalista evita a exclusão daquilo que não se pode apreender pelo saber. Em outros termos, ao retomar a ciência natural, certamente deixaremos tudo aquilo que não se refere a ela de fora, tornando-se inexistente. Freud assim cria um fronteiroço indeterminável que mantém a possibilidade da consistência ontológica do objeto - da pulsão. Por isso, Iannini menciona que “a indeterminação que investe o conceito de pulsão de valor ontológico: as pulsões são entes místicos” (IANNINI, 2019, p.122).

Portanto, Freud não compreendeu a psicanálise como uma teoria que deve aderir a um paradigma dado, mas inventa a psicanálise como uma epistemologia que produz um novo paradigma. Ora, é mesmo da invenção de novos paradigmas que se trata. Portanto, vê-se que não se trata da sobreposição do objeto da ciência ou da literatura à pulsão, mas da proposição de um objeto novo pelo Nome próprio que Freud confere à Psicanálise.

## A QUERELA DA TRADUÇÃO

Retornando à querela da tradução, parece improvável traduzir a *Trieb* a partir da oposição entre a ciência natural e a ciência espiritual, dicotomia enunciada entre o instinto animal e a pulsão humana. Paulo César Souza (2010) ressalta que essa oposição foi realizada primordialmente pela psicanálise francesa. “Passou-se a ver na ‘pulsão’ o conceito freudiano por excelência, aquele que define o humano-simbólico, objeto da psicanálise, por oposição ao instinto-animal, objeto da biologia” (SOUZA, 2010, p.253).

Para Souza, no “Vocabulário” de psicanálise de Laplanche e Pontalis, encontramos a síntese mais acatada desse argumento. Os instintos seriam forças cuja meta e objetos seriam fixos, enquanto a pulsão compreenderia a relação de variabilidade para a meta e objetos pulsionais. Todavia, Paulo Souza ressalta que o conceito de “instinto vigente já na época de Freud” não parece “tão limitado como creem Laplanche e Pontalis” (SOUZA, 2010, p.254).

A crítica de Souza se apresenta em duas linhas: (1) primeiramente, porque a palavra Instinto permite um sentido mais generoso e amplo do que aquele dado pelos psicanalistas franceses. Tanto para a língua alemã – *trieb* - quanto para a língua portuguesa – instinto -, encontraremos os significados de “impulso ou ímpeto inconsciente, sentimento seguro, por fim, capacidade de intuição. Além disso, a palavra “instinto” descende do latim *instinctu*, no qual veremos os significados de “aguilhoar e/ou estimular”.

Paulo Souza se posiciona contrário à tradução da *Trieb* por “pulsão” já que o termo não abarca a possibilidade de significar a “pressão”. A pulsão “faltaria justamente a ideia de ímpeto ou pressão, que segundo a etimologia é denotada pelo prefixo *im*” (SOUZA, 2010, p.257). É bem verdade que Paulo César mencione a possibilidade de traduzir a “*Trieb*” por “impulso”, porém, a palavra exprime “um conceito limitado à física” (Souza, 2010, p.257). Assim, Souza privilegia o termo “instinto”. “Ora, buscando-se um ‘equivalente’ assim amplo, vago e rico em associações, numa língua neolatina, o candidato natural seria ‘instinto’” (SOUZA, 2010, p.257).

Em seguida (2), constata-se que o próprio Freud parece não ter se assegurado quanto à alternância entre *Instinkt* e *Trieb*. Desse modo, não se pode esperar uma precisão inequívoca de modo tão claro e delimitado na obra freudiana. “Laplanche e

Pontalis declaram que, para Freud, o equivalente às ‘formações psíquicas herdadas’ não se acha no *Trieb*, mas nos ‘esquemas filogenéticos hereditários’ (SOUZA, 2010, p.259). A argumentação dos autores implica numa ruptura ou cesura entre o que é humano e o que é animal. “Esses autores concedem que Freud jamais explicitou essa oposição, mas insistem em vê-la como fundamental” (SOUZA, 2010, p.259).

Como esclarece Souza, a ruptura produzida por Laplanche e Pontalis “foi percebida e lamentada por alguns psicanalistas e tradutores franceses, como Colette Chiland e Marthe Robert” (SOUZA, 2010, p.260), o que permite que esvaziemos a dicotomia entre o biológico e o psíquico, segundo a perspectiva e a ênfase dada pelos autores franceses – incluindo entre eles, Jacques Lacan. Afinal, antes da grande influência de Lacan, a tradução francesa mantinha o vocábulo tradicional – *instinct*, tradução que o próprio Freud pôde acompanhar.

Essa perspectiva é refutada em certa medida por Pedro Tavares. Embora o autor saliente que muitos tenham tentado atribuir a Lacan a responsabilidade pelo termo pulsão, *pulsion* (em francês) “não é um termo cunhado por Jacques Lacan” (TAVARES, 2019, p.84) Lacan foi provavelmente o grande propagador do termo, mas não propriamente seu criador. De fato, Paulo César não atribui a Lacan a invenção, mas propriamente a propagação do termo, o que Pedro Tavares não parece recusar já que não vê “argumentos convincentes que deponham contra a tradição já inequivocamente estabelecida em relação ao uso da *pulsão*” (TAVARES, 2019, p.85).

Pedro Tavares também concentra sua crítica à tradução da *Trieb* por Instinto, por acreditar que aí teremos uma ênfase na tendência inata e no comportamento natura, “uma garantia do estabelecimento do conceito no território do biológico/corporal, razão pela qual se acumulam as críticas à *Standard Edition* de Strachey” (TAVARES, 2019, p.78-79). Ora, sabemos que Paulo César ainda que mantendo o termo “instinto”, buscou se distanciar da consideração estrita de que Freud foi um biólogo. Na realidade, diremos que Paulo César recusa a existência de qualquer dicotomia em Freud que possa se referir à pulsão como humana e ao instinto como animal.

Desse modo, o desencontro entre Pedro Heliodoro Tavares e Paulo César Souza parece estar estabelecido no uso semântico da tradução da palavra *Trieb*. Tavares (2019) ressalta que pelo termo “pulsão” encontramos construções análogas a alguns dos termos compostos que figuram na obra freudiana. Temos como exemplo o uso das palavras “propulsão” (*Antrieb*) e “compulsão” (*zwanghafter Trieb*,

*Wiederholungszwang*). Assim, Pedro Tavares, tradutor da editora Autêntica, optou por conservar a tradução de Hanns (2004/2006), não vendo razão para alterá-la. Hanns menciona que a *Trieb* deve ser traduzida por pulsão, pois, manteríamos uma palavra próxima à (im)pulsão no português.

Sem buscarmos tomar partido do modo como a *Trieb* pode e/ou deve ser traduzida, acreditamos que a Psicanálise deva subverter os termos, inventá-los, criá-los a partir de seu Nome próprio. Interpretando Freud, deve-se eleger um termo cuja inventividade pressuponha seu Nome. Devemos assim conservar o valor fronteiro do conceito da *Trieb*.

## REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- CHAVES, Ernani. **Perder-se em algo que parece plano**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, V. 9, 2019.
- DUNKER, Christian. **Animismo e indeterminação em ‘Das Unheimliche’**. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, Sigmund. (1900). **A interpretação dos sonhos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. IV, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. VII, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1910). **Sobre o sentido antitético das palavras primitivas**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, V. 8, 2019.
- \_\_\_\_\_. (1913). **Totem e Tabu**. In: Obras completas. Tradução Paulo Cesar Souza. Rio de Janeiro: Imago, V. 11, 2012.
- \_\_\_\_\_. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. XIV, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1915a). **Pulsões e destinos da pulsão**. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. I, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1915b). **As pulsões e seus destinos**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica. V. 8, 2019.
- \_\_\_\_\_. (1919). **O Infamiliar**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica. V. 8, 2019.
- \_\_\_\_\_. (1920a). **Além do princípio de prazer**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. XVIII, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1920b). **Além do princípio do prazer**. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. 2, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1924). **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Obras completas. Tradução Paulo Cesar Souza. Rio de Janeiro: Imago, V. 19, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1932). **A questão de uma Weltanschauung**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. XXII, 1996.

HANNS, Luiz Alberto. **Comentários editoriais da Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago. V. 1, 2004.

HOFFMANN, Ernst. (1815). **O homem da areia**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica. V. 8, 2019.

IANNINI, Gilson. **Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica. V. 8, 2019.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: L&PM Pocket, 2014.

SOUZA, Paulo César. **As palavras de Freud**. O vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TAVARES, Pedro Heliodoro. **Sobre a tradução do vocábulo Trieb**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, V. 8, 2019.

## FREUD'S *TRIEB* AND THE EPISTEMOLOGICAL BAROQUE

### ABSTRACT

*Trieb* was certainly the concept that mostly teased Freud and Psychoanalysis. It happened for many reasons, but the main one is that, depending on the interpretation attributed to this concept, it is possible determining where the Freudian discourse finds its place in a predetermined knowledge field. Thus, one abandons the ambiguity inherent to the concept itself by betraying the Freudian idea that highlights its borderline nature. Therefore, the aim of the current study is to address the concept of *trieb* approached by both the literature and science in order to demonstrate the need of interpreting this concept based on the psychoanalytic baroque; hence, the need of presenting Freud as a Proper Noun.

**KEYWORDS:** Ontology. Epistemology. Literature. Science. *Trieb*.

# LA PULSION (*TRIEB*) SELON FREUD ET LE BAROQUE EPISTEMOLOGIQUE

## RÉSUMÉ

La pulsion (*trieb*) était certainement le concept qui posait le plus de questions à Freud et à la Psychanalyse. Les raisons sont innombrables, mais la principale est que, selon l'interprétation donnée à ce terme, on finit par déterminer la localisation du discours freudien dans un champ de connaissance prédéterminé. Ainsi, on rompt avec l'ambiguïté inhérente au concept lui-même en trahissant la conception freudienne qui le caractérise par son caractère borderline. Donc, le but de cette étude est celui de remettre en jeu l'approche pulsionnelle dans la littérature et la science afin de démontrer la nécessité d'interpréter le concept pulsionnel selon le baroque psychanalytique. Voici le besoin de présenter Freud comme un Nom Propre.

**MOTS-CLÉS:** Ontologie. Épistémologie. Littérature. Science. Pulsion

RECEBIDO EM 27/05/2020

APROVADO EM 05/11/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)